

BANDIDOS NA IMPRENSA: O CASO DE UMA QUADRILHA DE SALTEADORES NA FRONTEIRA MERIDIONAL DO BRASIL (1880 - 1892)

DÁRIO MILECH NETO¹; JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – milechneto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como atuava uma quadrilha de salteadores na fronteira sul do Brasil no final do século XIX (1880 – 1892). Esse bando, que tinha como líder um lavrador chamado Juvêncio Rodrigues Pereira, praticou seus crimes por mais de dez anos preocupando as autoridades policiais e os moradores locais, sobretudo na região dos municípios de Arroio Grande, Herval, Cerrito, Canguçú e Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Para realizar esse estudo utilizamos como fontes históricas as matérias de jornais que relataram as ações da quadrilha. Os principais jornais pesquisados foram *A Discussão*, de Pelotas e *A Federação*, de Porto Alegre, além de algumas reproduções de notícias que encontramos em outros periódicos, como o *Jornal de Recife* e o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

Como fundamentação teórica, abordarmos as práticas desse grupo de criminosos pela noção de “banditismo social” exposta por HOBSBAWM (2015). O autor citou que, dentro do banditismo geral, há uma categoria importante a ser analisada: a dos chamados “bandidos sociais”. Seriam proscritos, pertencentes ao mundo rural, categorizados como criminosos pelos senhores e pelo Estado, mas que eram, ao mesmo tempo, admirados e sustentados pela sociedade camponesa. Além do mais, eles se distinguiram de outros dois tipos de criminalidade rural, como a de grupos do “submundo” profissional (ou “ladrões comuns”) e de comunidades onde a prática de pilhagem é vista com normalidade. Nesses últimos exemplos, ladrões e camponeses são estranhos uns dos outros, sendo os primeiros vistos como simples criminosos pelos segundos.

Mesmo que tenha recebido críticas quanto ao modelo proposto de “banditismo social” por autores como BLOK (1972) e SLATTA (1984), acreditamos que HOBSBAWM (2015) continua sendo a maior referência em estudos sobre banditismo de modo geral. Seu trabalho ainda domina o campo na questão teórica - FERRERAS (2003) e BAKER (2015) concordam com isso. Os diversos pontos de que ele tratou são cruciais para o tema. Sua abordagem foi ampla, revelando as congruências dos casos que pesquisou.

Outra noção no campo teórico que utilizamos é a exposta por THOMPSON FLORES (2012): a de “fronteira manejada”. Em linhas gerais, a autora mostrou a fronteira como um espaço dinâmico e manejado pelos indivíduos e grupos conforme seus interesses, posições e recursos, que poderiam mudar nas mais diversas condições em que se encontravam. Esse entendimento é uma questão crucial para analisarmos o dinamismo da quadrilha de Juvêncio Pereira.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada tendo como fontes as matérias de jornais que se ocuparam do bando e de seu líder. Na Biblioteca Pública Pelotense localizamos oito notícias no jornal *A Discussão*. Já através do site da Hemeroteca Digital Brasileira encontramos 48 (em três diários: *A Federação*, *Jornal do Commercio* e *Jornal do Recife*, que geralmente apenas reproduziam matérias de outros jornais que funcionavam em Pelotas, Rio Grande, Jaguarão e Bagé). São, na maioria das vezes, notícias curtas, mas que foram todas elas produzidas pelos jornais sul-rio-grandenses e algumas replicadas em folhas de outras províncias.

Logo, tratamos de fazer um estudo de história por meio dos periódicos, atentando para alguns pontos gerais que LUCA (2010) citou, como as características de ordem material, a organização interna do conteúdo e os grupos responsáveis pelas publicações (idealizadores).

Após coletar essas notícias, dispomos elas em ordem cronológica de forma a perceber não só as repetições, mas também para ver se conseguíramos entender o desenrolar das disputas violentas e qual teria sido a mobilidade geográfica da quadrilha de salteadores que estudamos, sem deixar de lado o contexto histórico sob o qual tais indivíduos atuaram.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a pesquisa nos jornais podemos vislumbrar, primeiramente, quem seriam os membros da quadrilha: além de Juvêncio, o grupo era composto pelo seu irmão João Pereira, pelo seu pai Manoel Pereira, por seu primo Belarmino Pereira de Castro, Camillo Couto, Luiz Couto, Marciano Couto, Vicente José Gonçalves (conhecido como “Índio”), Torbio Telles ‘Argentino’ e Serrão Pacheco.

Em 07 de julho de 1880, o *Jornal do Recife* reproduziu uma notícia do *Correio Mercantil*, jornal pelotense (fundado em 1875) “que já era o pioneiro em fazer uso do motor a gás e a manter um serviço telegráfico regular para a transmissão e recepção de notícias” (LONER, 2017). Nela ficamos sabendo como Juvêncio Pereira cometeu seu primeiro grande crime, o assassinato de Luiz Manoel Guerreiro após uma discussão sobre uma dívida oriunda de uma aposta de carreira de cavalos no distrito de Canguçu (hoje zona rural de Cerrito).

Notícias como a que citamos acima estavam localizadas na maioria das vezes na segunda página do periódico. Todos os números consultados continham pelo menos uma matéria sobre algum caso de violência, narrado para o leitor em uma linguagem intimista e utilizando-se de detalhes, sendo a palavra “crime” geralmente seguida de outra como “horrendo” ou “pavoroso”, por exemplo. No caso de nosso objeto de estudo, essa linguagem sensacionalista da imprensa local esteve acentuadamente presente.

Conseguimos perceber, através da análise das fontes, a movimentação territorial da quadrilha, ou seja, a sua dinâmica no espaço: atuaram nas regiões que estavam na época sob jurisdições dos municípios de Jaguarão, Arroio Grande, Pelotas, Canguçu, Piratini, Cacimbinhas, Uruguaiana e no departamento de Cerro Largo, no Uruguai. A mencionada comunicação via telégrafo ajudava na velocidade de trocas de informações entre a população, a polícia e os redatores e com isso a perseguição aos bandidos se tornava também mais ágil, com confrontos com as autoridades cada vez mais frequentes.

Durante isso, os periódicos pelotenses *Correio Mercantil* e *A Discussão* disputavam as formas de narrar as consequências das transgressões feitas por

Juvêncio e seus seguidores. Enquanto o *Correio Mercantil* citava as atrocidades sanguinárias cometidas pelo grupo do facínora, A *Discussão*, jornal diário, “divulgador de ideias abolicionistas, fundado em 1881 e que era ligado ao grupo da Dissidência do Partido Liberal na província” (LONER, 2017), denunciava as barbaridades feitas pelas forças policiais contra a população local enquanto faziam a busca pela quadrilha. A redação, inclusive, colhia e citava depoimentos de pessoas que tiveram suas casas reviradas pelas autoridades, como foi o caso de Maria Joaquina Leal, em novembro de 1884.

De 1884 em diante as atividades do bando se intensificaram: tentativas de assaltos frustradas, roubos de casas, espancamentos, mortes, assim como o confronto direto com o subdelegado de polícia de Cerrito, Bernardino Ferreira Porto, que foi assassinado pelo próprio Juvêncio. O cerco policial tornou-se maior, e noticiaram, inclusive, que o líder do grupo se encontrava morto, o que logo não se confirmou. Após isso, temos o dado de que a quadrilha teria se desmantelado e seu chefe se refugiado no Uruguai.

Uma das últimas notícias que possuímos (1887) é a que faz referência ao assalto na residência de um fazendeiro chamado Mathias Franck, na região do Chasqueiro (Arroio Grande), que foi amarrado e teve uma grande soma de dinheiro e várias joias levadas por três indivíduos. Escreveu o *Correio Mercantil* que o lenço com o qual Franck foi amarrado tinha bordado o seguinte nome: Juvêncio Pereira. O temido bandido, que muito possivelmente já não atuava mais nessa época, começou então a ser reportado por outros criminosos.

4. CONCLUSÕES

As fontes jornalísticas nos permitiram perseguir os rastros deixados por um grupo à margem (mas não fora) da sociedade, que tinha como modo de vida a prática de diversos crimes. A destreza com que esse bando se movia pelo espaço fronteiriço, utilizando-o conforme fosse oportuno, com integrantes de ambos os lados, nos exemplifica a importância da noção aplicada de fronteira manejada proposta por THOMPSON FLORES (2012).

Se por um lado Juvêncio Pereira e seus comparsas causavam horror e espanto através de seus tão noticiados atos, por outro notamos uma espécie de “invencibilidade” e “invisibilidade” do grupo frente às autoridades, o que sugere um auxílio/proteção/esconderijo que partiu da população fronteiriça por um considerável período de tempo. Tanto isso quanto o fato de o túmulo de Juvêncio ser até hoje um local de pedidos de cunho religiosos, mesmo que por poucas pessoas, nos permite entendê-lo enquanto um bandido social nos termos expostos por HOBSBAWM (2015).

Obviamente, um entrecruzamento com outros tipos de fontes, como registros de batismos, processos criminais e inclusive entrevistas de história oral ajudarão a dar um panorama mais amplo e um entendimento melhor do problema do banditismo na fronteira sul do Brasil. Mas, no caso desse trabalho, nos preocupamos em mostrar o quão valiosa a imprensa da época pode ser para o estudo de bandidos afinal, foi através das páginas dos periódicos que esses proscritos devem boa parte de sua notoriedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Pascale. **Revolutionaries, Rebels and Robbers: The Golden Age of Banditry in Mexico, Latin America and the Chicano American Southwest, 1850-1950.** University of Wales Press, 2015.

BLOK, A. **The peasant and the brigand: Social Banditry reconsidered in: Comparative studies in Society and History.** Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 4, September 1972.

FERRERAS, Norberto O. Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina. **História** [online]. 2003, vol.22, n.2, pp.211-226.

HOBSBAWM, Eric J. **Bandidos.** 4^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (Org.). **Dicionário de história de Pelotas.** Pelotas: Ed. Da UFPel, 2017.

LUCA, Tania R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas.** 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

SLATTA, R. (Ed.). **Bandidos. The varieties of Latin American Banditry.** New York: Greenwood Press, 1987.

THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. **Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889).** 2012. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.